**Por um feminismo decolonial brasileiro: um diálogo entre Lélia Gonzalez, María Lugones e Glória Anzaldúa**

 Juliana Ortegosa Aggio (UFBA/Cnpq)[[1]](#footnote-1)

Resumo: Na tentativa de pensar um feminismo brasileiro na atualidade, foi preciso partir de um diagnóstico sobre o racismo e o sexismo a partir do conceito de dispositivo de racialidade, de Sueli Carneiro, e, de racismo por denegação, de Lélia Gonzalez. Esses conceitos dialogam entre si e se complementam, permitindo ainda uma possível interlocução com o que Aníbal Quijano denominou de colonialidade do poder de modo a se inferir que o racismo e o sexismo sejam opressões estruturais e que, na imbricação das opressões, a raça preceda o gênero. Feito esse percurso argumentativo, nota-se que, diante do poder hegemônico heterocolonial, a proposta de resistência por meio de um feminismo afro-latino-americano de Lélia Gonzalez ainda seja, a meu ver, a mais pertinente para o contexto brasileiro e pode ser enriquecida se posta em diálogo com os conceitos de colonialidade de gênero, de María Lugones, e, de consciência “mestiza”, de Glória Anzaldúa, conduzindo-nos à proposição de um feminismo decolonial brasileiro.

Palavras-chave: feminismo; decolonialidade; Brasil

1. Pesquisadora de produtividade do CNPq. Possui graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela USP. Professora do departamento de filosofia, membra do PPGF/UFBA, do PPGFIL/UFRRJ e do PPGNEIM/UFBA. Faz uso de ferramentas conceituais para pesquisar questões relativas à constituição da subjetividade contemporânea a partir do pensamento de Foucault, Butler, Wittig, Lugones, Anzaldúa, Gonzalez, Carneiro, dentre outras feministas. [↑](#footnote-ref-1)